

“A gente aprende com o corpo todo”: o diário têxtil como uma prática tátil-reflexiva^{1 2 3}

Gabriela Novaes Santos (PPGAS/UFRN)⁴

Patrícia Pinheiro (PPGA/UFPB)

Aline Paixão



Imagem 1 - Mapa de Mituaçu bordado por Luciana Chianca durante as oficinas. 2022.

Resumo

A partir da realização de oficinas de bordado junto às mulheres do quilombo de Mituaçu, Conde, Paraíba, buscamos neste trabalho refletir sobre o processo de criação e as contribuições do diário de campo têxtil para uma prática antropológica e pedagógica enquanto uma prática tátil-reflexiva que reconhece a importância do envolvimento do corpo todo em processos educacionais territorializados. Apesar do emaranhado de algumas linhas emoladas na forma de reflexões em andamento, concluímos que o diário têxtil permite diálogos compartilhados, coletivos e criativos, em campo e com o campo, levando à uma produção de conhecimento que valoriza o protagonismo das mulheres negras e é crítico às generalizações.

Palavras-chave: Quilombo; Mituaçu; Bordado.

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Este trabalho tem como base parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Gabriela Novaes Santos (2023), que se dedicou a pensar o bordado enquanto recurso etnográfico capaz de privilegiar a experiência manual para pensar as experiências no território quilombola de Mituaçu, elaborando as contribuições, as possibilidades e os limites do bordado enquanto prática tátil-reflexiva.

³ Entre aspas está a frase proferida pela professora Vanda Machado.

⁴ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Uma mesa extensa, de formato retangular, tem em sua superfície um cenário de emaranhados de linhas, agulhas espetadas em almofadinhas coloridas, bastidores redondos de bambu remendados e tesouras. Em suas laterais, mulheres de mãos ocupadas realizam movimentos repetidos: uma linha fina, enlaçada no buraco da agulha, atravessa o tecido de um lado a outro e faz o movimento de volta. Se contornam pontos, linhas e uma aroeira brota em tecido. Na mão de outra mulher, o mesmo movimento, mas ela contorna com a ajuda de outra agulha uma canoa. Será que para pescar no rio Gramame ou no Jacoca? E quantos dos covos que rodeiam as margens desses dois rios são dela?

Estamos na E.M.E.I.E.F. Ovídio Tavares de Moraes, em Mituaçu, uma comunidade quilombola localizada na área rural do Conde, a 10 km da capital João Pessoa, na Paraíba. Por 8 meses, entre 2022 e 2023, o projeto de extensão “Histórias de Quilombo”, ativo na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) entre 2017 e 2023, e em parceria com a comunidade desde 2017, realizou oficinas de bordado em conjunto a algumas mulheres artesãs da comunidade⁵. Quinzenalmente, durante as tardes das quartas-feiras, as Fuxiqueiras do Bem, Ana, Maria Aparecida, Penha, Ivanilda e Lanny, moradoras da comunidade, e nós da universidade, nos encontrávamos para bordar. Às linhas emaranhadas em cima da mesa, se uniam os romances das histórias individuais e as memórias coletivas da comunidade. Buscamos aqui refletir, a partir da elaboração de um diário de campo têxtil, as suas contribuições e limites para uma prática antropológica e pedagógica que pensa o ensinar aprendendo e o aprender ensinando, envolvendo o corpo todo.

Cada dia de oficina tinha como base um plano de aula, com uma ideia temática a ser trabalhada junto ao ponto de bordado a ser ensinado. Para utilizar como exemplo das possibilidades que cada ponto nos dava, a cada oficina, alguns bordados foram previamente elaborados utilizando o respectivo ponto a ser apresentado. O diário têxtil é resultado da reunião desses bordados-modelo. Ao invés de nos depararmos com retalhos de tecidos bordados soltos, eles foram reunidos nas folhas têxteis pela ordem dos encontros. Se de forma escrita encontrávamos as aulas organizadas em planos de aula, o diário têxtil nos informava o trajeto que já tínhamos percorrido até ali, como um livro bordado que servia tanto para quem acompanhava as aulas — um lembrete-bordado retrospectivo —, como também servia para quem não havia participado e pudesse retomar os aprendizados. As oficinas estão descritas em linhas bordadas no diário.

⁵ Ao projeto, que já abordou o audiovisual, artesanato em fuxico e educação ambiental, se integraram também Aina Azevedo e Luciana Chianca, além de diversos estudantes, como Thayonara Santos, Elayne Felix, Ana Julia Guimarães, Fernando Mamedio, Giovanna Santos e Sérgio Santos.

A ideia para a construção do diário veio do contato com o experimento metodológico de Bianca Chizzolini (2020) que apresentou a produção de um diário de campo têxtil, uma espécie de diário de campo que provoca uma antropologia que se descostura da dicotomia entre o fazer científico e o fazer manual, cosendo a si outras estratégias de investigação.

É comum criarmos diários de campo com escritas alfabéticas, rabiscos e desenhos, que mantemos em segredo. Como um material consultivo, recorremos ao diário de campo para reler e entender o que podemos utilizar de mais valioso das observações e reflexões de primeira mão. O diário de campo, em uma interpretação do seu uso clássico, carrega em si o campo, mas pertence à academia. E, lembremos, a etnografia não costuma ser feita nesse espaço (Ingold, 2016) — os seus resultados a ele pertence, mas este seria o limite desta relação. Assim, visto mais como um documento consultivo da pesquisadora do que como um espaço de diálogo mais íntimo entre a subjetividade de quem pesquisa com o seu campo, o diário é considerado ferramenta acadêmica que fala sobre, e não com.

Chizzolini (2020) nos apresenta um outro modelo, ou melhor, outro método de trabalho em campo e apresentação deste trabalho. Em sua experimentação metodológica, o diário de campo têxtil foi criado como experimento pré-campo. Ele registra o seu processo de aprendizagem em aulas de bordado com outras mulheres. Apresenta um campo que foi registrado porém se mantém dinâmico, um material consultivo porém que também comunica não exclusivamente à pesquisadora. Construído durante um processo de aprendizagem da técnica bordada, é um “artefato” que elabora e organiza um processo didático, prático e reflexivo. O diário permite uma leitura antropológica da pesquisa que reforça a importância tátil na relação em campo, uma relação de aprendizado por si só, que se abre a novas reações, interpretações e interlocuções à medida em que é revisitado e manuseado.

Ao observar e valorizar saberes e vivências vindas de sistemas de aprendizagem que grupos quilombolas têm criado a partir de relações ecológicas de composição da vida com seres humanos e não-humanos, procuramos refletir sobre esses processos educativos promovidos em contextos colaborativos. O texto se divide em quatro partes, onde na primeira refletimos sobre o aprender fazendo enquanto possibilidade de ensino-aprendizagem coletiva e territorializada. Em seguida, adentramos na discussão sobre o diário de campo têxtil e as reflexões que ele engendra enquanto prática tátil-reflexiva em campo e com o campo. A penúltima seção apresenta o diário têxtil em imagens. Por último, apontamos as considerações finais que encaminham a algumas linhas emboladas da pesquisa.

1. Aprender fazendo

Iniciamos atentando-nos ao que seria o processo de aprendizagem ao qual nos referimos aqui. Paulo Freire (1970) nos aponta um caminho que desvia da educação bancária, que valoriza a aprendizagem ao mesmo tempo que ao ensino, como uma via de mão dupla, que prevê a educação enquanto um processo coletivo e criativo. As mulheres de Mituaçu, por exemplo, aprendem fazendo as coisas, no que Jean Lave (2015) considera como uma aprendizagem contextual, onde a pessoa aprendiz não está isenta da elaboração de técnicas, meios, fins para a atividade que deseja aprender.

Na verdade, é a interação com o meio e com os(as) outros(as) em práticas cotidianas que leva à aprendizagem e por isso sua dinamicidade. Em territórios tradicionais, como os quilombolas, essas práticas têm como referência saberes ancestrais, atualizados de geração em geração e que também são afetados por mudanças sociais, ambientais ou econômicas mais amplas. Seja trazendo novos elementos, seja resguardando outros, tratam-se de conhecimentos que são vivos.

No campo da educação quilombola, destacam-se pesquisas como a da quilombola Givânia da Silva (2012), que aborda a educação em seu território, a comunidade de Conceição das Crioulas (PE) e sua relação com as lutas por direito à educação, considerando uma proposta de educação formal mas também processos de aprendizado ancestrais. Assim como em Conceição das Crioulas, diferentes práticas pedagógicas criadas em contexto de resistência — as pedagogias decoloniais, como aponta Walsh (2013) — emergem como formas de tornar possível a continuidade de diferentes modos de ser e existir desde os territórios tradicionais.

É possível considerar então a aprendizagem enquanto prática social situada, ligada a contextos territoriais. O processo de ensino-aprendizagem em Mituaçu é marcado pelo aprender fazendo, um saber-fazer orgânico nos termos de Antônio Bispo, que ressalta as práticas quilombolas e indígenas enquanto biointerativas, ou seja, sempre em diálogo e transformação do e com o ambiente em que vivem (Santos, 2015, p. 100). Para se aprender a pescar, as mulheres pescam. Para se ensinar a manejar o roçado, é preciso envolver-se na plantação. Da mesma forma, nas oficinas, para aprender técnicas de bordado, bordava-se. E assim, ao aprender fazendo, ensinava-se aprendendo com o surgimento de novos estilos de bordado, ao utilizar uma diversidade de linhas de forma criativa e ao desenhar no tecido novos padrões.

E não somente se aprende fazendo, mas é um fazer que acompanha e dá sentido ao que é contado na oralidade. No bordado, na pescaria ou no roçado, aprende-se o tracejado da linha, o manejo da rede, do covo, da ratoeira de caranguejos e da canoa, o calendário de plantio do jerimum, da macaxeira e do milho. Ao mesmo tempo, conhecemos a história de dona Beré, uma anciã do território, que certa vez encheu sua canoa de peixes, que pularam nela. Ou de Comadre Fulozinha, com sua longa trança, que protege os mangues. Ou da Praga do Recife, que matou muitas mangueiras secas, vinda junto com a chegada do agronegócio na comunidade.

Essa maneira de aprender e ensinar experienciada nas oficinas de bordado em Mítuaçu aponta algo central ao processo, as mulheres. O diário foi feito com bordados que não pretendiam falar sobre elas, mas sim fazer parte de um processo de ensino-aprendizado construído e vivido junto a elas. É uma quebra da relação diário-academia, onde o diário deixa de ser guardado em segredo e de manter um diálogo de via única sobre o campo. Nesse caso, o diário foi apresentado às mulheres, foi ferramenta em campo e junto a ele. Assim, ele está alinhavado ao protagonismo das mulheres.

Assim como o processo de aprendizagem depende das pessoas envolvidas neles, em campo, nós precisamos valorizar as pessoas, suas vozes e suas presenças, os seus fazeres e os seus conhecimentos. Essa seria, nos termos de bell hooks, a receita para um “aprendizado empolgante” (Hooks, 2013, p. 18). Seguindo as pistas reflexivas de hooks sobre a construção de “comunidades de aprendizado”, a presença dessa valorização das mulheres construiu uma comunidade de ensino-aprendizagem, onde todos(as) se engajaram e compartilharam os seus processos.

A partir da experiência nas oficinas, nos atentamos às formas como temos aprendido a produzir conhecimento, a aprender e a ensinar. *A prática tátil-reflexiva* é justamente esse movimento que questiona a partir de uma experiência e de experimentações manuais, coletivas e criativas.

2. O diário têxtil como parte de um diálogo

Quando um bordado é finalizado, é comum a preocupação com o seu avesso⁶. O avesso revela o processo do bordado, ele expõe se houve cuidado, técnica e paciência. Expõem os trajetos da linha que foi enlaçada na agulha e o planejamento do preenchimento do

⁶ Ralyanara Freire (2021) faz uma distinção entre as duas superfícies do tecido sobre o qual se borda: uma seria o lado “direito”, que fica exposta; a outra, o lado “avesso”, o lado do tecido que se costuma “esconder”.

tecido. A esse avesso, se assemelha o diário de campo. Vários podem ser os motivos para escondê-lo. Pensando em alguns desses motivos, podemos nos deparar com a vergonha da exposição de uma escrita não-científica, mais subjetiva, talvez até reveladora de medos, angústias, ressentimentos, a exposição de desenhos malfeitos (Aina Azevedo, 2016). Mas até que ponto essas preocupações são estendidas à escrita que será divulgada por veículos científicos ou que se tornarão trabalhos de conclusão de programas de pós-graduação?

Diários de campo são os espaços avessos, repletos de “fuxicos de boca fechada” (Santos, 2023, p. 26). Eles guardam alguns relatos que não chegarão ao trabalho final pois não foram escritos ou desenhados com a pretensão de serem digeridos por outros(as) que não o(a) próprio(a) antropólogo(a).

Aprendemos e reproduzimos em nossas pesquisas a criação de um “campo” que parecer passar a existir quando não se está mais nele fisicamente, mas sim quando a escrita sobre ele, distante fisicamente dele, é iniciada (Ingold, 2016). Mas e quando bordamos em campo? Os bordados do diário têxtil, em sua maioria, foram feitos antes da ida à campo e utilizados em campo, levando à criação de novos bordados. Diferentemente dos diários de campo, ele entrou em contato junto ao corpo de quem pesquisa com quem é pesquisado. Não havia segredos sobre o que usualmente chamamos de “dados”. Os bordados eram os próprios “dados” mas compartilhados em sua elaboração.

As reflexões elaboradas não foram questões prévias aos bordados, mas consequentes do processo tátil de bordar em coletivo. A investigadora feminista Tania Pérez-Bustos (2016) traz uma concepção sobre a produção do conhecimento científico que se assemelha à malha do tecido. Ela toma o entendimento da etnografia como um processo dessa produção que não abandona dinâmicas de cuidado, companhia e mediação. O bordado feito de forma coletiva em campo, as mãos que estiveram envolvidas nas diferentes etapas de feitura, dos bordados e da pesquisa, não podem ser apagadas. À malha têxtil estão entrelaçadas as malhas das relações sociais (Freire, 2021).

Ao buscar um outro olhar sobre a ideia de conhecimento como tecido, Pérez-Bustos (2016) nos desafia a problematizar as hierarquias sobre os saberes-fazer contornados pela desigualdade de gênero, em um contexto geopolítico mais amplo. O bordado, enquanto esta materialidade experienciada artesanalmente pelo nosso corpo, é uma forma de conhecimento. O conhecimento enquanto tecido, seja ele bordado ou ainda sem novas intervenções têxteis, e a aproximação da etnografia com o bordado aponta para a importância de ler o processo do trabalho de campo como cobrador nem sempre muito compreensível de um tempo longo de experiência e experimentação em campo.

Talvez não seja possível depreender ao observar um bordado de uma manga ou de uma borboleta que sorri quais as suas relações com Mituaçu ou com quem o bordou e faz parte da comunidade. Para essa leitura, é preciso uma presença atenta, que convive com as dinâmicas sociais, sensível e valorativo das relações de gênero e raciais. É um processo de remendo e costura (Bustos, 2016, p. 171). Essa convivência, no contexto da comunidade, mais especificamente entre as mulheres que participaram das oficinas, foi fundamental para a construção de bordados e de conhecimento.

O convívio, desde as visitas às suas casas em almoços coletivos até outras atividades desenvolvidas em parceria com a escola, fortaleceu afetos, construiu uma relação de confiança. Ao haver um “medo” em fazer parte de uma produção de conhecimento que mantém as hierarquias entre os saberes-fazer e que apaga as particularidades das mulheres quilombolas e o seu protagonismo, abre-se espaço para o cuidado.

Na busca pela construção de uma relação afetuosa em Mituaçu, o bordado, esse artesanato genderizado no imaginário social, nos conectou às mulheres e aos seus universos cotidianos. Desse contato mais próximo, como se elas abrissem as frestas da porta da frente de suas casas, um pouco de seus contextos familiares foram compartilhados. Em sua maioria nas oficinas, as mulheres idosas compartilhavam de relatos com sentimento de solidão e de distanciamento das gerações mais jovens da comunidade. A sobrecarga com os afazeres domésticos também apareciam como questão recorrente.

Mas também aprendemos com elas sobre suas práticas, as da juventude e as atuais. Ana, por exemplo, ainda pesca. Sozinha, percorre os rios da comunidade. Maria Aparecida continua trabalhando em seu roçado. Penha, durante as suas tardes, faz artesanatos de fuxico e começou a bordar novos padrões sozinha. Lane, a mais jovem do grupo, trabalha como designer gráfica e com artesanato, unindo tecnologias em uma carreira autônoma. E Ivanilda, é a cordelista de Mituaçu, organizadora e criadora de histórias.

Em uma observação posterior cuidadosa, as mulheres conseguiram expressar os limites dos seus fuxicos durante as oficinas de bordado — quais histórias elas querem nos contar? Até que ponto estão dispostas a nos ensinar algo? Algumas histórias e aprendizados foram apresentados através da oralidade, e não de bordados. Mas foi através do encontro para a realização de uma prática manual que as histórias foram reativadas.

O mesmo acontece com as histórias que ouvimos em campo e (re)contamos em nossos trabalhos. Mesmo utilizando da nossa voz para (re)contá-la ou alterando nomes reais por fictícios, a oralidade encontra caminhos difusos ao apagamento e à generalização das pessoas com que dialogamos. Colocamos em prática o que Lila Abu-Lughod chama de “representação

textual da continuidade da vida” (2020, p. 51). Observando o bordado enquanto texto-têxtil, ou em uma polifonia texto-tátil (Santos, 2023, p. 27), é possível observar partes da vida em Mituaçu a partir da perspectiva das mulheres quilombolas que se autodenominam enquanto Fuxiqueiras do Bem.

3. O diário têxtil



Imagem 2 - Capa e primeira página do diário têxtil, “Pontos-base”. 2022.

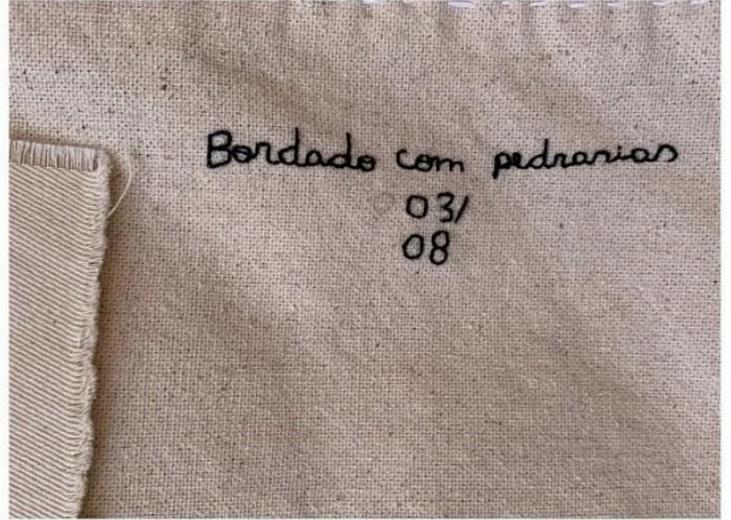


Imagem 3 - Segunda página do diário, "Bordado com pedrarias". 2022.



Imagem 4 - Terceira página do diário, "Ponto partido e pintura de agulha". 2022.



Imagem 5 - Quarta página do diário, “Ponto francês” e “Ponto rococó”. 2022.



Imagem 6 - Quinta página do diário, "Ponto rosa". 2022.

Considerações finais

A partir das experiências nas oficinas de bordado, a construção do diário de campo têxtil se mostrou como uma prática tátil-reflexiva que permite elaborações reflexivas sobre a experiência corporal etnográfica e pedagógica. Os bordados elaborados e reunidos no diário e ao longo das oficinas apontam para a capacidade dessa técnica em contar histórias, desviando de generalizações da comunidade de Mituaçu e das mulheres artesãs.

Contar histórias e trazer experiências vividas é uma forma de educar, para o presente e para o futuro. Ao sentar enquanto bordamos e escutar histórias de malassombro ou receitas de cocadas preparadas em telhas de barro, estamos sendo educadas sobre a vida em Mituaçu. Mas deixamos aqui algumas dúvidas que persistem e se apresentam como pontas soltas ou linhas emboladas ao longo do processo de pesquisa. Entre elas, o que bordamos em Mituaçu, seria arte, artesanania ou artesanato? No contexto de conceitos nativos e suas atualizações na disciplina antropológica, o diário têxtil pode ser lido enquanto metodologia, recurso etnográfico ou abordagem antropológica?

Entre essas dúvidas, afirmamos a utilização do diário enquanto um livro didático feito de forma coletiva e envolvendo outros sentidos e capacidades corporais. O diário têxtil é resultado não de ações desordenadas, mas de atos de desordem — no lugar da “ordem” esperada em salas de aula tradicionais com rotinas organizadas pela lógica de livros didáticos que, muitas vezes, limitam ou impedem o acesso a outros tipos de lógicas não hegemônicas, o diário traz o movimento do corpo, o contato com novas sensações táteis, a produção manual coletiva, criativa e dinâmica.

Referências

ABU-LUGHOD, Lila. **A Escrita dos mundos das mulheres**: histórias beduínas. Tradução de Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2020.

AZEVEDO, Aina. Um convite à antropologia desenhada. **METAgraphias**: metalinguagem e outras figuras, v.1, n.1, 2016.

CHIZZOLINI, Bianca B. **EXPERIMENTO METODOLÓGICO**: Diário de campo têxtil. Vimeo, 2020. Disponível em: <https://player.vimeo.com/video/488775741?h=9a2643d461>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Ralyanara Moreira. **Cerzindo o tecido social**: Resignificações do bordado arpillera e a vida de atingidas por Belo Monstro. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

INGOLD, Tim. **Antropologia e/como educação**. Petrópolis: Vozes, 2020.

LAVE, Jean. Aprendizagem como/na prática. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37-47, jul./dez. 2015.

PÉREZ-BUSTOS, Tania. El tejido como conocimiento, el conocimiento como tejido: reflexiones feministas en torno a la agencia de las materialidades. **Rev. Colomb. Soc.**, v. 39, n. 2, p. 163-182, jul./dec. 2016.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos**: modos e significados. Brasília: INCT, 2015.

SANTOS, Gabriela Novaes. **Fuxico do Bem**: alinhavos entre memória, educação e bordado no quilombo de Mituaçu. TCC (Licenciatura em Ciências Sociais) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 75. 2023. Disponível em: <https://www.academia.edu/116092527/Fuxico_do_Bem_Alinhavos_entre_mem%C3%B3ria_educa%C3%A7%C3%A3o_e_bordado_no_quilombo_de_Mitua%C3%A7u_Conde_PB_>.

SILVA, Givânia M. da. **Educação como processo de luta política**: a experiência de “educação diferenciada” do território quilombola de Conceição das Crioulas. Dissertação (mestrado)—Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, 2012.

WALSH, C. (Ed.). **Pedagogías decoloniales**: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Tomo I. Quito, Ecuador: Ediciones Abya-Yala, 2013. 553 p.